



## EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,  
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Aquilo que se julgava confinado a uma gruta e expressado numa manjedoura, o que se pensava ser uma não notícia, torna-se verdadeiramente viral. O Menino já havia sido visitado e apresentado pelos curiosos pastores! Muitos foram, e são, os curiosos que não deixaram, nem deixam escapar, a possibilidade de contemplar um mistério tão sublime reclinado numa manjedoura! E, se o Menino houvesse nascido hoje, certamente não faltariam “selfies” e demais publicações, como se uma “selfie”, ou mesmo todas as fotos, imagens e gravações, pudessem conter tamanho mistério e superior esperança e alegria! Pena que, não poucas vezes, senão mesmo todas, preocupamo-nos, e ocupamo-nos, a filmar, tirar fotos e selfies ao invés de vivermos os acontecimentos! Quase preferimos gravar as pessoas, acontecimentos e realidades no telemóvel ou nos tablets do que no coração! Preocupamo-nos com as ofertas ao invés de fazermos caminho! E fazemos caminho esquecendo a Estrela!

Mas faltava mais... Ainda falta mais... muito mais! É que o Menino não é apenas dos pastores e para os pastores: é, sobretudo, o Menino-Deus dos que buscam, dos que se põem a caminho, e se deixam conduzir, daqueles que sabem ler no Céu da vida as “estrelas” e demais sinais. É o Menino dos que se interrogam e questionam acerca do “onde está?”.

Belém é o princípio de uma rosa-dos-ventos, onde todos os pontos são tocados e atraídos, numa universalidade desejada e querida sendo reveladora de um Deus total e plenamente livre, jamais refém de ideologias, culturas, ritos, e até mesmo de religiões! E se “o sol quando nasce é para todos”, quanto mais Deus! Nos capítulos da história de Deus-conosco não há exceções nem decepções!

A Estrela brilhou... continua e continuará a brilhar nos “orientes”, tantas vezes desorientados, apontando a sempre e mesma gruta, o mistério da manjedoura onde a ternura, a misericórdia e a compaixão são olhares, sorrisos, mãos e braços que acolhem e abraçam, num toque terapêutico e regenerador que opera a epifania da salvação, do coração e da vida!

A Estrela cintila nos horizontes da humana geografia apontando outros e novos caminhos, de encontro, compaixão, perdão, amor e demais ofertas que o Menino nos trouxe e traz, porque a manjedoura continua a ser realidade numa Palavra feita Evangelho, num gesto feito absolvição, num pão e vinho feitos alimentos de vida e para a vida! Brilha nos cinco cantos deste globo, onde não há “magos” mas há pobres, gente sofrida e sofredora, onde há mártires de indignas guerras, onde há vítimas de uma desumanidade não desejada!

A Estrela brilha onde há “ouro” de lágrimas, “incenso” de fumo de armas e “mirra” de solidão que quem há muito foi relegado ao esquecimento.

A Estrela continua a brilhar onde os “camelos” transportam desilusão, angústia, dor e aflição!

Mas se há Estrela, então há caminhos a serem percorridos e uma esperança desinstaladora! Apesar das escuras nuvens que, por vezes, toldam os céus, a Estrela não deixa de existir! Ela permanece cintilante! A nós, basta-nos um esforço, não dos olhos, mas do coração. Basta perguntar, como os “Magos” do presépio: “Onde está?”. Para quem está atento aos sinais verá que, afinal, Ele está bem mais perto do que imaginámos!

“Onde está?”. Experimenta a olhar-te ao espelho!

# afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

## PALAVRA COM VIDA

# SOLENNIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

**1ª Leitura**  
Isaías 60, 1-6  
«**Brilha sobre ti a glória do Senhor**»

**2ª Leitura**  
Efésios 3, 2-3a.5-6  
**Os gentios recebem a mesma herança prometida**

**Evangelho**  
São Mateus 2, 1-12  
«**Vimos do Oriente adorar o Rei**»



A Palavra de Deus neste Domingo da Epifania do Senhor celebra a manifestação de Jesus a todos os homens: Ele é uma “luz” que se acende na noite do mundo e atrai a si todos os povos da terra. Cumprindo o projecto libertador que o Pai nos queria oferecer, essa “luz” incarnou na nossa história, iluminou os caminhos dos homens, conduziu-os ao encontro da salvação, da vida definitiva.

A primeira Leitura anuncia a chegada da luz salvadora de Deus, que

transfigurará Jerusalém e que atrairá à cidade de Deus povos do mundo inteiro.

No Evangelho podemos contemplar a concretização dessa promessa: ao encontro de Jesus vêm os “magos” do oriente, representantes de todos os povos da terra. Atentos aos sinais da chegada do Messias, procuram-n’O com esperança até O encontrar, reconhecendo n’Ele a “salvação de Deus” e aceitam-n’O como “o Senhor”: A salvação que foi rejeitada pelos habitantes de Jeru-

salém torna-se agora um dom que Deus oferece a todos, sem excepção.

Diante de Jesus, as diferentes personagens assumem atitudes diversas, que vão desde a adoração (os “magos”), até à rejeição total (Herodes), passando pela indiferença (os sacerdotes e os escribas: nenhum deles se preocupou em ir ao encontro desse Messias que eles conheciam bem dos textos sagrados).

Os “magos” são apresentados como os “homens dos sinais”, que sabem ver na “estrela” o sinal da chegada da libertação. Impressiona também, no relato de Mateus, a “desinstalação” dos “magos”: viram a “estrela”, deixaram tudo, arriscaram tudo e vieram procurar Jesus.

Os “magos” representam os homens de todo o mundo que vão ao encontro de Cristo, que acolhem a proposta libertadora que Ele traz e que se prostram diante d’Ele. É a imagem da Igreja - essa família de irmãos, constituída por gente de muitas cores e raças, que aderem a Jesus e que O reconhecem como o seu Senhor.

## SABIAS QUE...



... os “três reis magos” poderão não ter sido três, nem ter sido reis?

Comemorando-se a solenidade da Epifania do Senhor, festa que celebra a manifestação de Jesus a todos os homens, será interessante assinalar que a tradição que impera nesta que é, também, designada como a festa dos “Reis Magos”, aponta para a existência de três reis magos, sabendo, até, cada um de nós, os seus nomes: Baltazar, Gaspar e Melchior.

Se é certo que, mais importante que a quantidade ou até mesmo os seus nomes, é a simbologia dos “magos do oriente”, nomeadamente no cumprimento daquilo que se canta no salmo deste dia: a adoração do Senhor por “todos os povos da terra”; é curioso verificar o que é dito pela palavra de Deus relativamente a este acontecimento que hoje se celebra como a Epifania, a manifestação do Senhor.

Assim, a primeira e única vez que os Reis Magos aparecem na Bíblia é no Evangelho segundo Mateus, o primeiro livro do Novo Testamento, no qual é-nos indicado que os magos teriam sabido que “o rei dos judeus” havia nascido em Belém da Judeia, tendo, os mesmos, tido um sinal divino, sob a forma de uma estrela, que lhes indicou o caminho até Jesus.

Sendo estas as únicas referências da Bíblia a estes magos do oriente, e considerando-se que a denominação de “mago” estará relacionada, sobretudo, com a sua sabedoria; quanto ao seu número e nome a tradição que se conservou até aos nossos dias poderá ter a sua origem em textos apócrifos, não canónicos, nomeadamente “A Revelação dos Magos”, documento traduzido por Brent Ladau, professor de Teologia da Universidade de Oklahoma, que teve acesso a este documento descoberto no século XVIII, e que terá sido originalmente escrito na segunda metade do século II, no qual se aponta uma região da actual China como a origem dos magos e, não se limitando a três o número destes magos, é dada relevância às ofertas de três deles: ouro, incenso e mirra.

Assinala-se, ainda, que se acredita que os restos mortais dos três reis magos estão depositados na Alemanha, na Catedral de Colónia.

Saibamos, pois, adorar o Rei dos reis que hoje nos é manifestado.

## POR CÁ

# 2020 marcado pela pandemia igrejas fechadas e missas sem fiéis

Acabamos de sair de mais um ano, um ano totalmente outro, diferente de todos aqueles que até agora havíamos vivido à conta da pandemia de Covid-19.

O ano que terminou foi fortemente marcado pela doença que ditou a suspensão do culto público durante cerca de dois meses. Entre 16 de Março e 18 de Maio, nos Açores, tal como no resto do país, as celebrações decorreram à porta fechada, sem fiéis, com particular destaque para a Semana Santa e para a Páscoa, um dos momentos mais marcantes da vida cristã.

Quando as celebrações, com a presença de fiéis regressaram no final de Maio, as orientações sanitárias para evitar o contágio em massa pela Covid-19 ditaram uma nova normalidade nas igrejas que reduziram a cerca de um terço a ocupação dos espaços, o uso obrigatório da máscara e a higienização das mãos. Além das Eucaristias também os casamentos, baptizados e funerais foram condicionados com a possibilidade de uma participação muito reduzida.

Durante este ano, a Diocese celebrou um protocolo com a Autoridade Regional de Saúde para a cedência de instalações de apoio ao combate à pandemia, disponibilizando o Palácio de Santa Catarina, em Angra do Heroísmo, e o Centro Pastoral Pio XII, em Ponta Delgada, como instalações de rectaguarda para



doentes não covid.

Foi, aliás, a pandemia que esteve numa das mais marcantes imagens do ano, com o Papa Francisco a atravessar sozinho a Praça de São Pedro para a bênção *Urbi et Orbi* mais reproduzida em todo o mundo: “estamos todos no mesmo barco, ninguém se salva sozinho”, afirmou na altura o Papa.

Ainda durante este ano e no mesmo espírito de fraternidade surgiu uma nova encíclica - *Fratelli Tutti* - que desenvolve um conceito de amizade e fraternidade social como a nova chave para o desenvol-

vimento e para a paz.

A consequência mais imediata de celebrações sem pessoas foi o avanço das novas tecnologias. As redes sociais transformaram-se nos novos púlpitos da Igreja e milhões de fiéis seguiram atentamente as várias celebrações.

Nos Açores diferentes paróquias adaptaram-se a esta modalidade mitigando a distância. Praticamente todas as acções pastorais presenciais foram canceladas e as redes sociais passaram a ser o verdadeiro areópago da comunicação da Igreja. Excepção feita à assembleia diocesana, de

Outubro, que reuniu pela primeira vez, em mais de 20 anos, os membros dos conselhos pastoral e presbiteral da diocese. Uma reunião destinada a reflectir a caminhada sinodal, que no seu primeiro ano tinha em vista discutir a situação da Igreja nos Açores, a realidade sócio-económica dos açorianos e a cultura dominante.

No final dos trabalhos os conselheiros decidiram prosseguir a caminhada sinodal por mais um ano, agora de olhos postos numa Igreja em saída, com uma missão evangelizadora.

Deste ano sobram ainda seis ordenações sacerdotais e três ordenações diaconais de alunos do Seminário Episcopal de Angra.

A diocese recebeu três novos sacerdotes que regressaram dos seus estudos em Roma e enviou dois novos padres para a cidade eterna, confirmando, uma vez mais, o estatuto que cultivou ao longo do tempo de ser uma das dioceses que mais sacerdotes envia para o estrangeiro em ordem ao aprofundamento dos conhecimentos teológicos.

O ano foi igualmente de movimentação de sacerdotes com algumas mudanças.

Este foi, igualmente, um ano que ficou marcado por uma nova direcção na Pastoral Social, na Comissão Justiça e Paz e na Pastoral da Família.

## ENTRE NÓS...

# “Que votos, que objectivos traçar para este ano de 2021 que agora se inicia?”



A cada ano que se inicia, todos nós formulamos desejos, estabelecemos objectivos, metas a serem cumpridas no decorrer do novo ano. Este ano não será diferente, contudo, o carácter atípico do ano que agora terminou, provavelmente, contribuirá para o delinear de objectivos de dimensão e conteúdos diferentes.

O ano de 2020 ficará, invariavelmente, conotado com a doença Covid-19 e com os seus nefastos efeitos, por todos sentidos, no plano social, familiar e económico. Não será difícil admitir que, hoje, estamos diferentes daquilo que fomos há exactamente um ano atrás. A forma como interagimos, comunicamos e, até, como vivenciamos a nossa fé mudou. E, no meio de tanta mudança, provocada por tanto condicionalismo, será importante reflectir se, afinal, o ano que se passou foi ou

não tão atípico como tomamos por certo ter sido.

No meio do isolamento que 2020 nos impôs, demos por nós a ter saudades e a sentir falta de coisas tão simples como de um abraço, de um aperto de mão, de um sorriso sem máscara, da proximidade física dos nossos pais, avós, irmãos, familiares e amigos... Mas, antes deste isolamento, quantas vezes, com toda a nossa liberdade, abdicamos de abraços, abdicamos de passar tempo com aqueles de quem gostamos, andamos pelas ruas sisudos e carrancudos sem dar um bom dia ou um sorriso ao desconhecido que passava? Quantas vezes, com toda a nossa liberdade, desperdiçamos o imenso poder que Deus nos dá, pelo Seu Amor, de ser o sinal mais, de fazer a diferença na vida do outro? Do mesmo modo, como cristãos, também passamos a sentir falta da vivência religiosa, de participar de corpo inteiro nas eucaristias, da vivência dos sacramentos, do abraço da paz, das procissões, das coroações, das nossas manifestações de fé; todavia, os mesmos cristãos que agora sentiam a falta de tudo isso eram os mesmos que, antes, deixavam os bancos das igrejas vazios, que tinham uma atitude cada vez mais ritualista, cumprindo, apenas, calendário e coleccionando, muitas vezes, sacramentos como se de cromos de uma qualquer caderneta se tratassem.

E, perante tudo isso, que votos, que objectivos traçar para este ano de 2021 que agora se inicia? Para além dos desejos e votos de saúde que, nos tempos que cor-

rem, fazem todo o sentido, será importante meditar em tudo aquilo que o ano de 2020 nos subtraiu e concluir se, realmente, o que nos tirou faz mesmo falta ou se, por outro lado, não seriam, sobretudo, coisas superficiais que nos afastavam, de forma crescente, daquilo que é verdadeiramente importante: o Amor e o Amor de Deus como força central que nos alimenta e faz ser felizes.

O Jesus Menino que hoje se manifesta na Sua Epifania e que foi adorado por todos os povos da terra mostrou-nos, há mais de 2000 anos, o caminho a seguir, o caminho do desprendimento, do perdão, e do amor como forma de salvação e de felicidade plenas e abundantes, caminho este que, de forma muito dura, o ano que agora terminou nos voltou a apontar.

Assim, e para 2021 formulo votos de saúde e de vivência no Amor de Deus para a minha família, em especial para a minha esposa Catarina, para o meu filho Manuel e, com a graça de Deus, também para a minha filha que, qual sinal de esperança, nascerá já no início deste ano, estendo estes votos a todos os homens de boa vontade e, como dizia o poeta, não esquecendo que “o sonho comanda a vida, e que sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança”.

Um bom ano para todos!

Hélder Almeida  
Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil